



Cinema & Território

Revista internacional de arte e antropologia das imagens

N.º 8 | 2023

Documentário (auto)biográfico

Biografia de rua: a relação das pessoas em situação de sem-abrigo com os seus objetos pessoais

Lara Silva FAGUNDES, Maria Inês SACHIM & Filomena SILVANO

OJS - Edição eletrónica

URL: <https://ct-journal.uma.pt/>

DOI: [10.34640/c.t8uma2023fagundessachimsilvano](https://doi.org/10.34640/c.t8uma2023fagundessachimsilvano)

ISSN: 2183-7902

Editor

Universidade da Madeira (UMa)

Referência eletrónica

Fagundes, L., Sachim, M. I. & Silvano, F. (2023). Biografia de rua: a relação das pessoas em situação de sem-abrigo com os seus objetos pessoais. *Cinema & Território*, (8), 154–172.

<https://doi.org/10.34640/c&t8uma2023fagundesmachimsilvano>

30 de novembro de 2023



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

Biografia de rua: a relação das pessoas em situação de sem-abrigo com os seus objetos pessoais

Lara Silva FAGUNDES
FCSH-NOVA-FCSH/ISCTE-IUL
lara.lfg@gmail.com

Maria Inês SACHIM
Instituto Piaget de Almada
ines.sachim1996@gmail.com

Filomena SILVANO
FCSH-NOVA
fsilvano@fcs.unl.pt

Resumo: O convívio e a proximidade com as pessoas em situação de sem-abrigo residentes no Centro de Acolhimento Emergência Municipal (CAEM) de Santa Bárbara, na freguesia de Arroios, em Lisboa, nos possibilitou perceber que este grupo vulnerável (social, financeira e psicologicamente), marginalizados e excluídos socialmente, têm em comum relações de valor simbólico significativo com seus objetos pessoais. Com o objetivo de estudar a história social das coisas que eles carregam, os seus significados e a estrutura das trajetórias dessas relações sociais, bem como a construção de valores e significados, este estudo pretende entrevistar um grupo de residentes e registar através da imagem os seus objetos pessoais, a fim de desenvolver uma exposição que nos permita investigar o sentido dos objetos no interior da história de vida desses indivíduos. Por meio de entrevistas semi-estruturadas e registo fotográfico, queremos contar traços da biografia de pessoas em situação de sem-abrigo e dos seus objetos, para atuar como um estudo que aproxima a comunidade académica a este grupo social e promove reflexões sobre as ligações singulares e simbólicas com as coisas materiais.

Palavras-chave: sem-abrigo, objetos, biografia, valor simbólico, memórias

***Abstract:** The conviviality and closeness with homeless people residing at the Municipal Emergency Reception Centre (CAEM) of Santa Bárbara, in the parish of Arroios, in Lisbon, enabled us to perceive that this vulnerable group (socially, financially, and psychologically), marginalized and socially excluded, have in common relationships of significant symbolic value with their personal objects. With the aim of studying the social history of the things they carry, their meanings and the structure of the trajectories of these social relationships, as well as the construction of values and meanings, this study aims to interview a group of residents and record their experiences through images. personal objects, in order to develop an exhibition that allows us to investigate the meaning of objects within the life history of these individuals. Through semi-structured interviews and photographic recording, we want to tell traces of the biography of homeless people and their objects, to act as a study that brings the academic community closer to this social group and promotes reflections on the unique connections and symbolic with material things.*

Keywords: homeless, objects, biography, symbolic value, memories

Introdução

O Centro de Acolhimento de Emergência Municipal (CAEM) Santa Bárbara, localizado na freguesia de Arroios, em Lisboa, foi inaugurado em Setembro de 2021 e tem espaço para 128 pessoas. Trata-se de uma resposta integrada para as pessoas em situação de sem-abrigo e conta com uma equipa multidisciplinar que visa atender às necessidades desta população, bem como encaminhar para outras respostas sociais. Desde a sua abertura, mais de 500 pessoas já passaram pelo centro.

Além de oferecer um espaço de habitação temporária, convívio, alimentação, vestuário, acesso aos serviços de saúde, redução de danos e minimização de riscos, há uma estrutura organizada para o desenvolvimento de ações de sensibilização e atividades ocupacionais. Através da relação construída com os residentes, a equipa percebeu que muitos deles - embora em situação de grande vulnerabilidade e exclusão social - demonstravam uma relação significativa com os seus pertences pessoais (mesmo que escassos). Esta percepção empírica foi o ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho que tem como finalidade estudar as relações sociais com os bens materiais e as práticas sociais deste grupo, considerando que a variedade de objetos utilizados pelos indivíduos tem valor significativo no âmbito da antropologia.

No início dos anos 20, Marcel Mauss já estudava as trocas de bens sob a luz do que o autor chamou de teoria da dádiva, a qual é considerada o inverso da lógica de compra e venda de bens. Ao comparar as sociedades primitivas com as sociedades ocidentais, Mauss defendia que nesta última as relações com os bens e objetos se tornaram relações impessoais e utilitárias, nas quais os indivíduos não seriam capazes de se ligar singular ou simbolicamente às coisas.

Embora a relação com os objetos possa ter sofrido alterações ao longo das décadas, como destaca também Marx (1979), ao criticar a lógica capitalista de produção de bens - que separa o homem da proximidade com o objeto produzido -, as coisas nunca deixaram de possuir papel importante na estruturação das relações sociais. A circulação e o consumo de bens e objetos são carregadas de valor e poder, mesmo que simbólico, e são determinantes para repensar as sociedades atuais. Os objetos possuem sentido no interior da relação com outros objetos e do sistema onde estão inseridos, carregam significados que são construídos e alterados após trocas e relações sociais (Simmel, 1978). De acordo com Bourdieu (1979), qualquer objeto pode adquirir valor e discurso, a narrativa sobre um determinado bem é capaz de dotá-lo de poder simbólico no interior das sociedades.

As investigações de Daniel Miller consideraram o consumo em termos de produção da identidade e criação e manutenção de redes de sociabilidade, “fazendo emergir a tríade analítica consumo-identidade-sociabilidade” (Miller, 2007, p. 8). Os objetos são capazes de agenciar parte das identidades dos indivíduos, atuando como bens de valor simbólico que permitem integrações em sociedades, convívio, troca de experiências e novas relações sociais (Miller, 2007). Já Appadurai (2008) argumenta que os significados das coisas estão inscritos em suas formas, seus usos e suas trajetórias. Para o autor, embora os humanos sejam responsáveis por atribuir significações às coisas, do ponto de vista metodológico são as coisas em movimento que elucidam seu contexto humano e social.

Como destaca Silvano (2011), os objectos transportam memórias, permitindo que os espaços ausentes se tornem noutros lugares, presentes. Nesse sentido, no caso da população com a qual trabalhamos, pretendemos analisar de que forma os seus objetos pessoais carregam histórias - não somente de lugares, mas sobretudo acerca das suas experiências de vida e relações passadas - e de que forma estes mesmos objetos representam a materialidade da ligação com o passado e presente.

Uma vez que certos objectos estão situados no interior de processos de mediação que se desenvolvem em circunstâncias interculturais e interpessoais complexas (Silvano 2011), acreditamos que esta pesquisa nos permitirá compreender o entendimento dos processos de valorização dos objectos e como este processo tem de ser feito no interior das negociações sociais que os determinam.

As histórias de vida das pessoas e de seus objetos pessoais serão contadas com o objetivo de representar um recorte da biografia dessas pessoas, aproximando esta população da sociedade em geral e permitindo que as suas memórias construam narrativas e registos fotográficos que evidenciem a relação social, simbólica, cultural, afetiva e singular que os mesmos têm com as coisas.

Objetivos

- a) Investigar o percurso biográfico, a história e relação social das pessoas em situação de sem-abrigo com os seus objetos pessoais;
- b) Compreender a criação de significados e valores acerca dos bens materiais no interior das sociedades, em específico desta população em situação de vulnerabilidade;
- c) Proporcionar uma reflexão sobre a importância das coisas na história de vida de cada entrevistado e recontar estas memórias;
- d) Desenvolver uma análise sobre as narrativas apresentadas por cada participante e reconhecer a atribuição de valores simbólicos sobre os seus objetos pessoais;
- e) Registrar fotografias dos entrevistados com os seus objetos pessoais, a fim de produzir uma mostra fotográfica que retrate a relação entre pessoa e bem material;
- f) Conhecer e apresentar diferentes pontos de vista e traços da biografia de pessoas em situação de sem-abrigo sob um olhar diferenciado que permita sensibilizar a sociedade sobre as relações sociais com as coisas.

Estado da Arte

Duarte (2010) destaca que, semelhante à forma como Mauss (2001) demonstrou que a troca ritualizada de presentes tinha importância social nas sociedades pré-industriais, os estudos na área da antropologia do consumo poderão contribuir para analisar de que maneira os objetos podem criar e manter relações sociais, construir formas particulares de cultura, mediar valores fundamentais, entre outras atuações na vida social.

O papel central dos objetos nas sociedades pode ser pensado pela lógica que Appadurai (1986) trata como “vida social dos objetos”, e que, de acordo com Kopytoff (1986), a vida social das coisas (a quem pertenceram e de onde viveram) é uma componente essencial da sua capacidade de agir.

Kopytoff (2008) em “Biografia das coisas” apresenta as questões necessárias para compreender a vida social dos objetos: “De onde vem a coisa, e quem a fabricou? Qual foi a sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas consideram ideal para esse tipo de coisa? Quais são as “idades” ou as fases da “vida” reconhecidas de uma coisa, e quais são os mercados culturais para elas? Como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade chega ao fim?”

No contexto mercantil homogeneizado, uma biografia rica de uma coisa é a história de suas várias singularizações, das classificações e reclassificações numa sociedade com trajetórias incertas, onde a importância é alterada também consoante as mudanças de

contextos. As incertezas da valoração e da identidade é o drama das biografias das coisas e das identidades (Kopytoff, 2008).

Há, segundo Clifford Geertz (apud Appadurai, 2008), três envolvimentos nos processos de circulação e trocas de mercadorias: conhecimento, informação e ignorância. De acordo com o autor, boa parte da estrutura institucional e da forma cultural de lojas do tipo bazar passa pela dificuldade de acesso à informação confiável e a facilitação à busca por tal informação. Appadurai (2008) explica que:

em mercados do tipo bazar, as buscas por informação tendem a caracterizar qualquer cenário de troca onde a qualidade e a valoração apropriada dos bens não sejam padronizadas, embora os motivos para falta de padronização, para flutuação dos preços e para a qualidade incerta de coisas específicas de um certo tipo sofrem variações enormes (Appadurai, 2008, p. 16)

Aqui, iremos levar em consideração que - além do bazar - essa incerteza sobre a vida social dos objetos também é observada em feiras populares com produtos semi-novos, usados, velharias, quinquilharias ou antiguidades. O contexto das vendas em segunda mão é intrigante, curioso e altamente possível de ser estudado. Como afirma Appadurai (2008), os labirintos de informação complexos e culturalmente organizados são o traço especial das vendas do tipo bazar e de segunda mão.

O ato de compra de um bem específico é o começo de um longo e complexo processo pelo qual o consumidor trabalha sobre o objeto comprado e o recontextualiza até, muitas vezes, não ser mais reconhecido como tendo qualquer relação com o mundo de onde veio, [...], podendo mesmo tornar-se a negação dessas abstrações quando se transforma em qualquer coisa que não pode ser comprada nem dada (Duarte, 2010, p. 377).

Alice Duarte (2010) complementa destacando que, nesse sentido, o consumo pode ser compreendido como o trabalho de recontextualização que modifica o significado de um objeto da sua condição alienável para outra inalienável, isso deve ser visto como uma forma de construção cultural.

Metodologia

Os estudos sobre as sociedades estão intimamente ligados à exploração e ao registo da imagem e das diversas formas de comunicação. Como destaca Novaes (2009), a antropologia possui inúmeras afinidades com a fotografia, o cinema, as relações, interações e as representações destas relações. A imagem enquanto instrumento de registo de diferentes modos de vida, culturas, hábitos e costumes permite uma construção de sentidos, significados e narrativas.

Neste estudo, vamos recorrer ao registo fotográfico pois este representa um recurso visual que permite apresentar os objetos dos indivíduos, explorando detalhes de como os mesmos são sentidos pelas pessoas, gerando formas empáticas, sensoriais e afetivas de engajamento (Pink et al., 2014). Para promover uma nova educação sobre nossa percepção do mundo, compreendemos que o recurso visual representa uma ferramenta inovadora na antropologia contemporânea (Appadurai, 2000; Ingold, 2011), pois é capaz de aproximar grupos distintos e tornar uma pesquisa mais visível e perceptível.

As entrevistas semi-estruturadas serão organizadas de forma que os indivíduos possam falar sobre a relação com os seus objetos pessoais e os seus percursos de vida, as trajetórias e dinâmicas de rua, além de expressarem o valor simbólico significativo que as coisas possuem no interior das suas relações.

Os indivíduos serão convidados a participar do estudo, que levará em consideração as questões éticas, garantindo a privacidade dos mesmos. Após aceitarem participar do estudo, os mesmos poderão escolher um ou mais objetos que melhor lhes representam, e então serão realizadas as entrevistas, para que os indivíduos possam expor a relação entre as próprias biográficas e a dos objetos que carregam.

As entrevistas foram analisadas durante entre os meses de Junho e Setembro de 2023. Os trechos das mesmas serão selecionados para serem a legenda das fotografias dos objetos. Pretende-se realizar uma mostra fotográfica com as imagens registradas.

Guião para a entrevista

Convidar o participante para escolher um objeto que melhor represente a sua história e percurso de vida. Após o participante escolher o objeto, pedir que mostre. Iniciar uma conversa sobre o objeto escolhido e a biografia do participante.

1. Tem algum objeto que carrega consigo? Há quanto tempo?
2. Qual a história do objeto? Quem lhe deu, onde comprou ou encontrou?
3. Qual o significado deste objeto para a sua vida? Qual a ligação emocional e simbólica com o objeto?
4. Conte um pouco sobre sua história de vida e porque escolheu este objeto. Por que gosta do objeto? O que o objeto lhe transmite?
5. Conte alguma experiência ou percurso da sua biografia que tenha relação com o objeto.

Análise das Entrevistas

Foram realizadas oito entrevistas, com quatro pessoas do sexo masculino e quatro pessoas do sexo feminino. Os objetos escolhidos pelos participantes foram: anel, cruz (dois participantes), bengala, flauta, caixa porta-batom, peluche e óculos.

Entrevistada: A.M., sexo feminino, 43 anos

Objeto: anel com o nome da filha

Um anel com o nome da filha é o objeto escolhido por A.M., sexo feminino, 43 anos. *“É este anel, que está sempre comigo e que diz Mariana, que é o nome da minha filha”*. O termo *“sempre comigo”* destaca a importância emocional do objeto. *“Quando eu mandei fazer o anel, eu estava no auge da minha vida, tinha o meu marido, tinha a minha filha, estava feliz...”*. Ao mesmo tempo em que há expressões de felicidade ao descrever o período em que o anel foi adquirido, a saudade e a nostalgia também demonstram a reminiscência dos tempos felizes, relembrando um período no qual a entrevistada tinha sua família unida. *“Este anel representa tudo na minha vida, porque lá está, foi feito com o meu marido ao pé, e é como se transportasse as minhas memórias todas [...] porque estava bem financeiramente, estava bem em tudo, no fundo é isso, tinha a minha vida!”*

Além disso, sentimentos como luto, perda, medo e preocupação também são mencionados durante a narrativa. “*O meu marido já não é porque faleceu, se não também iria andar sempre comigo*”. O discurso de A.M. revela a importância do anel como elemento de segurança emocional. “*Tenho sonhos às vezes que perco o anel, e fico muito aflita, são sonhos muito maus*”.

A resiliência e o valor sentimental que nutre pelo anel enfatizam a importância emocional sobre o material. “*Não me desfaço dele nem por nada deste mundo, posso estar a passar dificuldades... o valor sentimental é maior que o valor monetário*”.

Além disso, sentimentos como identidade e posse estão presentes na narrativa da entrevistada. “*Só eu é que tenho este anel, mais ninguém tem, nem eu nem o meu marido*”. Fica evidente a ideia de posse exclusiva do anel, criando uma ligação íntima entre a participante e o objeto, reforçando sua identidade pessoal.

Figura 1. A.M. com o anel escrito Mariana, nome da filha



Fotografia: © Lara Fagundes

Na narrativa de A.M., uma mulher de 43 anos que escolheu um anel gravado com o nome de sua filha como objeto de significado proeminente em sua vida, podemos realizar uma análise que permite compreender a profundidade da ligação emocional de entrevistada com o anel, revelando como esse objeto se tornou uma dádiva de significado que transcende o material, conectando-a não apenas à sua filha, mas também a um período de felicidade familiar e estabilidade financeira. A importância deste objeto na vida de A.M. pode ser analisada pelos conceitos de Mauss (2001) e Geertz (1973), que destacam a importância dos objetos como símbolos culturais e como meios de atribuir significados à existência, o que é evidente na narrativa de A.M. quando ela evoca a nostalgia e a felicidade associada ao momento em que adquiriu o anel. Além disso, a referência à perda do cônjuge e aos sonhos angustiantes de perder o anel toca em temas de luto e segurança emocional, relacionando-se com as investigações de Miller (2008), o qual explora como os objetos tornam-se catalisadores para lidar com a perda e manter vínculos emocionais. É possível concluir que a conexão afetiva de A.M. com o anel, enfatiza o objeto como uma dádiva emocional que transcende sua materialidade (Belk, 2010).

Entrevistada: C.M., sexo feminino, 35 anos

Objeto: caixa porta-batom

O objeto escolhido por C.M., sexo feminino, 35 anos, é uma caixa porta-batom com um espelho dentro. *“Então aqui é uma caixinha. Por fora tem tipo um tecido e por dentro tem um espelho”*. A entrevistada estabelece uma conexão entre a caixa e a relação entre mãe e filha, ressaltando a continuidade da importância do objeto ao longo das gerações. *“Eu tenho uma filha com 26 anos. Ela na altura achou piada à caixa, tal como eu achei...”*. A relação familiar e a importância da caixa está intrinsecamente ligada à conexão entre essas três gerações. *“Ao fim ao cabo foi o juntar das duas coisas! Era da minha mãe, passou para a minha filha logo, mas depois vei-o para mim...”*. Este relato nos permite concluir que a caixa é um veículo para acessar memórias e experiências passadas, destacando a continuidade e a importância emocional do objeto.

A entrevistada faz uma reflexão sobre os valores afetivos ligados ao objeto que escolheu. *“Sabes nunca pensei muito sobre o valor da caixa, e apesar de a minha mãe me ter dado muitas outras coisas, parecia que o tesouro, vou dizer negado, fosse o mais apetecido”*. A participante reflete sobre o valor emocional da caixa em comparação com outros presentes, sugerindo que o verdadeiro valor está na carga sentimental.

Figura 2. C.M. com a caixa porta-batom herdada da sua mãe



Fotografia: © Lara Fagundes

Na entrevista de C.M. há uma forte presença de nostalgia, memória e reflexão sobre o passado. A caixa permite acessar memórias e experiências passadas, representando uma ligação tangível com a história familiar, demonstrando emoções como carinho, gratidão e tristeza. A entrevistada expressa sentimentos profundos ao falar sobre sua mãe, destacando a importância dessa figura na sua vida. [...] *A caixinha é assim... uma recordação da minha mãe. Mas calma, eu falo assim da minha mãe, mas ela ainda esta*

vida, graças a Deus. [...] Desculpa! [...] Emociono-me sempre que falo dela! É a minha paixão! Ela e a minha filha. [...] Ao fim ao cabo tem a ver com as duas pessoas que eu mais gosto na vida. Sinto uma enorme felicidade ao olhar para ela. Talvez também alegria, por ter passado pela minha filha e poder ter esse simbolismo. É a minha única filha. Mas principalmente a caixa faz-me lembrar a minha mãe. [...]

Em relação ao seu contexto pessoal, a entrevistada revela a complexidade de estar em situação de sem-abrigo. *“E será só uma passagem, tenho a certeza disso, [...] e não sei como me sentir porque nunca estive assim e só desde novembro é que estou aqui e vá nesta situação, de sem abrigo [...] nunca estive na rua [...] é complicado, mas as coisas agora estão a encaminhar-se”*.

A sua narrativa demonstra que, apesar dos desafios, a participante mantém uma perspectiva otimista, sugerindo esperança para o futuro. *“Agora que as coisas se estão a encaminhar e está tudo a bom porto, se Deus quiser, porque nunca estive nesta situação [...] e não sei como me sentir porque nunca estive assim”*.

A análise dos relatos de C.M. ressalta a complexa relação entre indivíduos e objetos, destacando como objetos cotidianos podem adquirir profundidade emocional e assumem um papel crucial na mediação das relações familiares, tornando-se símbolos de continuidade e conexão através das gerações (Miller 1987). Além disso, a reflexão sobre o valor afetivo da caixa de batom em comparação com seus atributos materiais está alinhada com a teoria de Arjun Appadurai (1986), que discute as múltiplas dimensões de valor dos objetos. A narrativa revela a função dos objetos na construção da identidade, uma perspectiva explorada por Igor Kopytoff (1986). Além disso, a situação de sem-abrigo da entrevistada ressalta a importância dos objetos como âncoras emocionais em contextos vulneráveis, conceito abordado por autores como Turner (1967) e Douglas (1966).

Entrevistado: F.M., sexo masculino, 62 anos

Objeto: cruz

Um símbolo religioso para expressar a sua relação com a fé foi a escolha de F.M., sexo masculino, 62 anos. O entrevistado escolheu uma “cruz dupla”, encontrada na rua há cerca de sete anos, para falar sobre a sua interpretação pessoal e presença de um objeto de valor simbólico no seu percurso de vida. A entrevista reforça aquilo que Geertz argumenta, de que os símbolos religiosos têm significados culturais profundos e complexos. O entrevistado questiona a representação de Cristo em cruzes, destacando que, de acordo com a Bíblia, Cristo está vivo. *“A cruz representa que eu tenho fé, acredito em Deus e uma cruz mostra o meu acreditar. Sou cristão”*.

É interessante destacar que, ao refletir sobre os objetos religiosos, o entrevistado critica a comercialização da religião, dando como exemplo as velas em Fátima, e afirmando que a religião parece se tornar “uma empresa”. Essa crítica pode ser relacionada ao conceito de “comodificação da religião”. O antropólogo David Lyon observa como a religião frequentemente se torna uma mercadoria em sociedades de consumo, onde objetos religiosos são vendidos para atender às necessidades espirituais das pessoas. *“[...] As religiões tomaram um caminho que agora parecem empresas que têm que faturar”*.

F.M. descreve suas práticas religiosas, como orações diárias, agradecimentos a Deus e sua relação pessoal com a divindade, destacando a importância do papel da oração e da relação com Deus. *“[...] Eu todos os dias falo na palavra de Deus. Todos os dias há um Pai-Nosso ou um agradecimento de qualquer coisa. [...] Eu oro muitas vezes a Deus, há noite, de dia, de manhã: obrigado pela noite que me deste, obrigado pelo amanhecer e*

os alimentos, estes alimentos fortalecem o meu corpo, fazem bem à alma e ao espírito. [...].

O percurso de vida de F.M. é marcado pela conversão religiosa que lhe proporciona transformação pessoal, segundo o próprio. “[...] *Eu é interessante que eu não acreditava em nada religioso, eu era ateu [...] Eu entrava numa Igreja e tentava distrair os outros. Começava-me a rir e os outros começavam a rir também. Eu era marcado: esse é só para distrair os outros. Eu ria-me. Não gostava. [...] Foi com 29 anos (que eu me converti e passei a acreditar em Deus)*”.

Figura 3. *F.M. com os seus colares, um deles a cruz dupla*



Fotografia: © Lara Fagundes

É possível refletir sobre a entrevista e o percurso biográfico do entrevistado relacionando a complexidade das experiências religiosas e como elas podem influenciar a vida e a visão de mundo de um indivíduo. “*Eu era uma pessoa muito diferente do que sou. Eu falava muito mais mal, falava muitos palavrões. E melhorei um bocado nisso. [...] Começar a acreditar em algo que eu não acreditava. [...] A minha maneira de ver muita coisa mudou. Coisas que eu fazia e não conseguia me arrepender delas. Eu tornei-me mais compreensivo, mais calmo. De vez enquanto eu viro-me para Deus: Deus, ajuda-me, sozinho eu não consigo. Trouxe-me um aprendizado diferente. Aprendi muito com a palavra de Deus [...]*”.

A análise da entrevista de F.M. permite refletir sobre a interseção entre religião e cultura. A interpretação dos símbolos religiosos, neste caso a cruz, e a relação com a iconografia cristã, que ilustra como os indivíduos constroem significados culturais em torno de objetos religiosos. Além disso, a crítica do entrevistado à comercialização da religião revela a influência das estruturas econômicas na prática religiosa. A transformação pessoal e conversão do entrevistado oferecem um exemplo vivo de como as crenças religiosas podem moldar a identidade e a visão de mundo de um indivíduo, demonstrando a importância de se compreender as mudanças na espiritualidade pessoal.

A relação do entrevistado com a religião despertam para discussões sobre o simbolismo religioso e a transformação pessoal através da fé.

Os relatos de F.M. demonstram o valor que certos objetos detêm como elementos de proteção e amuletos, reforçando como objetos podem adquirir significados religiosos, representando a conexão entre as pessoas e o sagrado, muitas vezes desempenhando a função de amuletos protetores podendo também influenciar a compreensão do mundo (Mauss, 2001; Gell, 2001).

Entrevistado: F.A., sexo masculino, 60 anos

Objeto: óculos

F.A., sexo masculino, 60 anos, inicia a entrevista com uma reflexão, destacando que muitas pessoas perderam a ligação afetiva com os objetos pois *“vivemos em uma sociedade do consumo”* e faz uma crítica: *“hoje em dia as pessoas vivem muito em função das marcas e dos estereótipos, tem que ser com marca para ser aceito”*.

A ligação emocional e simbólica com os seus óculos fez com que F.A. escolhesse este objeto como marcante em sua vida. A relação com os óculos, além de sua função prática de correção de visão, permite que F.A. exponha suas reflexões. *“Óculos. É um objeto que além de ser um utensílio útil, foi uma coisa que eu sempre gostei. [...] Como os óculos é um utensílio que eu uso diariamente, é uma ferramenta que, sem ela, eu fico um bocado perdido e com ela eu sinto-me que me ajuda a olhar melhor o mundo, a compreender melhor. E acho que é uma analogia que me traz um bom sentimento de bem-estar, de poder olhar as coisas como elas são e não me enganar. E aproveitar e desfrutar [...]”*.

O objeto escolhido reflete a criação da identidade do entrevistado e pode ser considerado uma extensão do self, usado também para construir uma autoimagem com valor afetivo, tendo em vista que relação dos óculos com a mãe do entrevistado é significativa. *“Os óculos faz lembrar a minha mãe. A minha mãe dizia: não brinques com a vista que um dia mais tarde vais ter problemas. Derivado a isto, sempre lembro dela. A minha mãe era muito especial para mim. [...] Eu nasci nos anos dela. E foi sempre uma relação que eu tive, além de ser minha mãe era muito minha amiga. Era a mulher da minha vida. Usava óculos”*. Neste caso, possivelmente, o uso deste objeto ajuda F.A. a manter uma conexão emocional com a mãe.

Além disso, podemos refletir sobre o uso de objetos como ferramentas de expressão. O entrevistado menciona seu gosto por escrever e, nesse sentido, os óculos desempenham um papel importante, possivelmente interpretados como uma “ferramenta” (McLuhan) que tem um impacto positivo na forma como o entrevistado interage com o mundo e expressa suas ideias. *“Se não usasse os óculos, obrigava-me a não poder ler e escrever como eu gosto, e nem usar o telemóvel [...]. Eu tenho livro na minha cabeceira. [...] Eu gosto de José Saramago, Anne Frank. Gosto de escrever poesia. Jim Morrison para mim foi um poeta. Ultimamente não tenho escrito. [...] Eu gosto de escrever [...]”*.

Na entrevista de F.A. fica também visível que o óculos representa uma ferramenta de narrativa e memória. O entrevistado utiliza sua experiência pessoal e a presença dos óculos para contar histórias sobre seu percurso de vida, sua expressão, identidade e conexões culturais e emocionais. *“Pouco tempo depois (de começar a usar óculos), eu vi-me numa situação de rua, e os meus pais faleceram os dois. Eram o meu pilar, o meu mundo desabou e a partir daí perdi um bocado a força, a vontade de viver”*.

Figura 4. *F.A. com os óculos que lembram a sua mãe*

Fotografia: © Lara Fagundes

A análise do relato de F.A. revela a complexa relação entre os indivíduos e os objetos, destacando como esses objetos desempenham papéis significativos na construção da identidade, autoimagem e na expressão das experiências de vida. A crítica inicial de F.A. à sociedade de consumo destaca uma mudança cultural mais ampla em que as pessoas podem estar perdendo ligações emocionais com objetos em favor de marcas e estereótipos. No entanto, sua ligação emocional e simbólica com os óculos desafia essa tendência. Os óculos não são apenas uma correção visual, mas também uma ferramenta de expressão e uma âncora emocional à sua mãe. Através dos óculos, F.A. reconstrói sua conexão com suas experiências pessoais e histórias de vida, destacando como os objetos desempenham um papel crucial na formação da identidade e na preservação da memória cultural e emocional. Isso ressalta a riqueza da análise antropológica ao considerar como os objetos são integrados nas narrativas pessoais e culturais dos indivíduos, influenciando a maneira como eles percebem o mundo e se relacionam com ele.

Entrevistada: H.B., sexo feminino, 47 anos

Objeto: cruz

A análise antropológica da entrevista com H.B, sexo feminino, 47 anos, revela uma complexa interseção entre elementos simbólicos, experiências religiosas e trajetória de vida. O objeto escolhido pela participante é uma cruz. A presença marcante da cruz como um objeto carregado de significado transcende sua dimensão religiosa, adquirindo contornos emocionais, memoriais e até mesmo pragmáticos. *“Tenho uma cruz. Uma no pescoço e uma na mala. Essa cruz foi um rapaz daqui de dentro que me ofereceu e tem significado de bom”*. A conexão entre a cruz e a ideia de afastar *“coisas más”* sugere uma

crença na proteção espiritual. *“A cruz afasta de nós muitas coisas más. A cruz foi uma pessoa que morreu por nós”*.

Essa relação com a igreja e evidências de transformações na fé são descritas pela entrevistada. *“Eu ia na igreja, mas hoje mais ou menos”*. *“Na igreja estávamos todos juntos, a conviver, comer, a escolher coisas”*. A narrativa reflete uma relação fluida com a prática religiosa. Os rituais de fé são descritos pela entrevistada. *“[...] Eu acredito em Jesus Cristo. Rezo de vez em quando. Quando estou chateada, eu meto os joelhos no chão e rezo. Rezo ao pé da cama”*.

Figura 5. *H.B. e a cruz que escolheu como objeto de proteção*



Fotografia: © Lara Fagundes

Para H.B., os objetos são tidos como vínculos afetivos e memórias. *“Há objetos que tenho guardado, malas, roupas, sapatos, fios, das pessoas que cá estiveram, mas que são guardados para recordação”*. [...] *“A cruz é o que eu tenho há mais tempo”*. A cruz, por ser o objeto mais antigo em sua posse, destaca-se como um portador físico de experiências partilhadas e relações passadas. Ao citar que: *“Quando penso na cruz, vem logo na cabeça os meus filhos e os filhos da cruz”*, a entrevistada demonstra que a cruz transcende seu simbolismo religioso, tornando-se um fio condutor entre a espiritualidade e as relações familiares.

Em relação à história de vida, H.B. cita: *“Eu não queria vir para aqui, eu estava habituada a estar na Expo com os meus amigos”*. *“Eu estava na rua, dormia lá embaixo, estava habituada”*. Essa narrativa da transição da rua para um centro de acolhimento revela uma adaptação complexa. Inicialmente relutante, a entrevistada se habitua à nova realidade, sublinhando a resiliência humana. Há uma narrativa de deslocamento e busca por pertencimento.

Outro percurso que marca a biografia da entrevista é a perda da guarda do filho. *“Eu fiquei sem o meu filho em 2004, ele tinha quatro anos, foi ficar com a avó”*. O relato da perda do filho, junto com a descrição de uma vida marcada pela exposição à

vulnerabilidade urbana, sublinha a resiliência da narradora em face de desafios substanciais.

A análise da entrevista com H.B., uma mulher de 47 anos, revela que a cruz escolhida possui grande valor emocional e sentimental. A relação com o objeto, além de expressar a fé e a espiritualidade da entrevistada, demonstra a importância emocional e memorial. A história de vida da H.B. e a presença da cruz em suas memórias revelam que a entrevistada mantém uma ligação que confere ao objeto um poder de âncora emocional. *“A cruz significa o nosso salvador. Sou católica e carrego comigo. [...] A cruz é a primeira coisa que eu vejo ao espelho. Sei que é o meu pai, se não fosse o meu pai eu não carregava”*.

Entrevistado: J.L., sexo masculino, 71 anos

Objeto: bengala

J.L, sexo masculino, 71 anos, escolheu falar sobre a sua bengala como objeto marcante em sua vida, carregado de valor simbólico. *“[...] O meu objeto é uma muleta, a minha bengala [...] se quer que lhe diga um sentimento que a bengala me transmite, transmite-me segurança, confiança e autonomia”*. Ao se referir ao objeto, o entrevistado usa o humor como estratégia de enfrentamento. *“Esta bengala para mim representa um apoio e o apoio que a pessoa que me a ofereceu me prestou, pronto, é as duas coisas”*. O uso do humor, como chamar a bengala de *“apoio privado e particular”* sugere uma estratégia de enfrentamento para lidar com as dificuldades da vida. *“[...] ela (a bengala) era a minha única segurança [...] privada e particular (diz a rir-se muito) [...] era tudo o que tinha e não largava [...] o resto das coisas é conversa”*.

Sentimentos como solidão e perda também são expressos pelo entrevistado ao contar quem lhe deu a bengala, indicando uma conexão emocional perdida. *“Nunca mais vi a pessoa que me deu a muleta...”*.

Trechos do seu percurso de vida são citados pelo participante durante a entrevista, como por exemplo, descrição das condições precárias de vida, dormindo em um local desconfortável. A narrativa destaca as dificuldades enfrentadas pelo entrevistado. *“Estive lá três noites a dormir. A dormir? [...] Não dormi nada”*.

No entanto, sentimentos como gratidão e uma perspectiva positiva sobre a mudança para um centro de apoio, com a ajuda de uma *“doutora”*, reflete uma reviravolta positiva na vida do narrador, associada à gratidão. *“Liguei para uma doutora, expliquei-lhe a minha situação e ela mandou-me logo pra aqui”*. Há ainda uma expressão de alívio e contentamento em relação à situação atual, ressaltando a melhoria na qualidade de vida. *“Ao menos agora estou aqui e bem melhor!”*.

No relato de J.L, um homem de 71 anos que atribui valor simbólico à sua bengala, podemos identificar elementos antropológicos fundamentais. É possível compreender a conexão emocional estabelecida através da bengala, pois J.L menciona a pessoa que lhe deu o objeto, sugerindo uma rede de relações sociais e trocas simbólicas (Mauss 2001). Ao destacar o simbolismo da bengala como uma fonte de segurança, confiança e autonomia, o entrevistado evidencia a profundidade dos significados culturais ligados a esse objeto (Geertz).

Turner, que explorou rituais de passagem em *“Os Processos de Rituais”* (1969), se encaixa na A narrativa de J.L também mostra como o entrevistado considera a bengala como um elemento de transição presente no enfrentamento das dificuldades da vida e capaz de representar uma *“estrutura”* em sua vida (Turner 1969, Mary Douglas, 1966).

Figura 6. J.L. e a bengala que usa como muleta e chama de “apoio”

Fotografia: © Lara Fagundes

Entrevistado: L.H., sexo masculino, 56 anos**Objeto: flauta**

Aos 56 anos, L.H., sexo masculino, escolheu a sua flauta como objeto pessoal carregado de valor simbólico. *“A flauta para mim representa um poder supremo”*. O afeto pelo instrumento musical é evidenciado durante toda a entrevista. *“Eu sem música fico triste. Eu sem flauta fico triste, muito triste. A flauta dorme comigo, dorme na minha cama, ao meu lado, dentro da almofada”*.

A ligação com a música é a base da história de vida do entrevistado. A música é descrita como algo que preenche, traz felicidade e é essencial para o seu bem-estar emocional. *“A flauta tem um significado que mexe com as pessoas e mexe comigo também [...] para mim, aquilo é como se fosse Deus, um orixá, como se fosse um orixá para mim [...] eu se não tocar um dia, só um dia, já não tô bem, tenho que tocar nem que seja dez minutos, ou vinte minutos, meia hora, mas tenho que tocar porque me preenche, e então tenho que tocar [...]”*.

L.H. também descreve momentos de total concentração na música, onde ele se desconecta do mundo exterior. *“Tenho momentos em que tô a tocar e estou num estado zen, esqueço o mundo inteiro, apenas me concentro naquilo que tô a fazer, mais nada, tudo o que acontece a minha volta não me importa”*.

Períodos do percurso de vida em situação de sem-abrigo são relatados pelo entrevistado com sentimentos de tristeza e perda, como por exemplo o roubo de um violino valioso, o que representa uma experiência dolorosa. *“Eu tinha um violino que me roubaram na Expo quando eu dormi na expo uma noite. Lá se foram 3800 euros a voarem e era de segunda mão, um Stradivarius em segunda mão”*.

Emoções como frustração e desilusão são evidentes quando o participante menciona ter sido enganado ao aparecer em um vídeo do YouTube. *“Eu fui enganado porque os miúdos conseguem trabalhar com a tecnologia de outra maneira [...] Fizeram maldade [...] tu não vês nenhum flautista a tocar pelo nariz”*, relata o entrevistado sobre ter sido gravado por jovens na rua e por usarem a sua imagem para se promoverem na Internet.

No entanto, o entrevistado demonstra orgulho ao falar sobre sua habilidade musical e o desenvolvimento de suas próprias composições. Há um senso de realização pessoal relacionado à música. Além disso, o entrevistado destaca os desafios na prática musical, como a dificuldade da bateria, mas também a superação desses desafios através da prática constante: “*Bateria é difícil [...] A gente tocava de tudo [...] até ficar perfeita ou quase perfeita [...] nunca tá perfeita, a música é complicada...*”.

Figura 7. L.H. e a sua flauta que chama de “poder supremo”



Fotografia: © Maria Inês Sachim

A análise da relação de L.H. com sua flauta como um objeto carregado de valor simbólico evoca diversas teorias na área da antropologia. Segundo Pierre Bourdieu (1972), os objetos podem transcender suas funções instrumentais, adquirindo significados simbólicos que refletem a identidade e o bem-estar emocional de um indivíduo. A conexão profunda de L.H. com sua flauta ilustra a influência da cultura e da biografia na formação da relação indivíduo-objeto. Além disso, Daniel Miller (1987) argumenta que os objetos desempenham papéis ativos na vida das pessoas, moldando suas experiências e interações. A narrativa de L.H. demonstra como a flauta preenche um vazio emocional e espiritual, enfatizando a profundidade da relação entre o indivíduo e seu objeto simbólico.

No caso de L.H., a flauta transcende seu status como um mero instrumento musical, tornando-se um emblema de poder e transcendência espiritual. Sua narrativa sugere que a flauta é uma entidade quase divina, um orixá, e isso ecoa a teoria de Durkheim sobre o sagrado, pois a música preenche um espaço profundo em sua vida e proporciona bem-estar emocional.

No entanto, a biografia de L.H., marcada por episódios de sem-abrigo e perdas dolorosas, como o roubo de seu valioso violino, ilustra a influência das circunstâncias sociais na formação da identidade individual.

Entrevistada: V.D., sexo feminino, 34 anos

Objeto: peluches

A entrevistada V.D., sexo feminino, 34 anos, escolheu como objeto pessoal a sua coleção de peluches. *“Eu tenho os meus peluches, eu adoro peluches desde pequeninha”*. *“Alguns peluches eram da minha filha e eu fiquei para mim”*. A presença e o valor atribuído aos peluches em sua vida destacam a importância como objetos de afeto, transmitindo *“doçura”* e servindo como símbolos de conexão emocional, seja com a filha, com amigos, pessoas significativas ou mesmo como recordações de experiências vividas. *“O peluche grande é o que tenho a mais tempo, há três anos”*. *“Eu encontrava nos caixotes no lixo, nos contentores das crianças ou onde põe as roupas”*. A coleta de peluches de diferentes lugares, incluindo encontrá-los em caixotes de lixo, destaca a capacidade dos objetos de pelúcia em preservar e evocar memórias. Os peluches tornam-se testemunhos tangíveis de da sua jornada pessoal e têm um papel central no percurso da entrevistada, representando não apenas objetos físicos, mas também carregando significado emocional profundo. A participante expressa um amor genuíno por esses objetos, atribuindo-lhes características como doçura e fofura.

Entre os sentimentos citados pela entrevistada, estão nostalgia e solidão, o primeiro evidente ao falar sobre fotografias de momentos passados, e o segundo revelado ao citar a experiência de dormir na rua antes da entrada em um centro de acolhimento.

A fé e espiritualidade também estão presentes na narrativa de V.D. *“Eu também tenho uma Nossa Senhora de Fátima”*, *“Na rua eu tinha um peluche grande e um terço”*. A presença de uma Nossa Senhora de Fátima e um terço, especialmente quando na rua, adiciona uma dimensão espiritual às memórias do seu percurso de vida. É possível concluir que esses objetos religiosos podem ter servido como fonte de conforto e esperança durante períodos difíceis.

Durante a entrevista, a participante também demonstra sentimentos como gratidão, contentamento e afetividade, manifestados ao recordar pessoas queridas e relações de afeto. *“O Ísio (monitor) brincava comigo, era muito divertido comigo, nunca me faltava nada”*. As recordações e memórias são também destacadas como algo precioso, mencionando fotografias com diversas pessoas e enfatizando que desempenham um papel significativo, servindo como uma forma de preservar memórias e conectar-se ao passado.

Essas relações interpessoais e amizades são citadas pela entrevistada nas menções à filha, ao companheiro, aos colegas e aos monitores do centro de acolhimento. Nesse contexto, a generosidade da entrevistada é evidenciada ao relatar a doação de peluches a colegas como lembrança e a importância das relações de amizade mesmo em circunstâncias desafiadoras. *“Não sei quantos (peluches) tenho ao todo. Sei que tenho sete no quarto e um sacão cheio de peluches lá guardados numa sala. Alguns eu também já dei a algumas colegas minhas amigas, de recordação, uma lembrança para recordarem de mim, para a outra pessoa estar sempre com um peluche meu...”*

A riqueza das experiências vividas pela entrevista demonstram a complexidade das relações sociais e a importância dos objetos como portadores de significado. No seu percurso, a capacidade de transformação em meio a desafios e as experiências na rua fornecem contexto para compreender a jornada da autora, enfatizando a superação de dificuldades.

A transição da rua para um centro de acolhimento representa um ponto de virada na história da autora, simbolizando esperança e renovação. V.D. destaca a importância de organizações e pessoas que oferecem apoio em momentos difíceis. *“[...] antes de chegar ao Casal Vistoso, dormi na rua, em tendas, no Largo de São Domingos e nos*

Restauradores por baixo dos comboios, também já dormi no teatro. Dormi três ou quatro anos na rua”.

Figura 8. *V.D. e um dos peluches da sua coleção*



Fotografia: © Lara Fagundes

A análise do relato de vida de V.D., uma mulher de 34 anos, oferece uma visão profunda da relação entre indivíduos e objetos, destacando o significado cultural e emocional desses itens. A coleção de peluches de V.D. revela a capacidade dos objetos de pelúcia em preservar e evocar memórias, servindo como testemunhos tangíveis de sua jornada pessoal. Esses peluches não são apenas objetos físicos, mas também carregam um significado emocional profundo, representando símbolos de conexão emocional com sua filha, amigos e pessoas significativas, além de servirem como recordações de experiências vividas. Além disso, a presença de objetos religiosos, como uma Nossa Senhora de Fátima e um terço, adiciona uma dimensão espiritual às memórias de seu percurso de vida, sugerindo que esses objetos desempenharam um papel de conforto e esperança em momentos difíceis, como quando dormia nas ruas. A análise também destaca a importância das relações interpessoais e amizades na vida de V.D., evidenciando como os peluches eram doados como lembranças, ressaltando a generosidade da entrevistada e a importância das relações de amizade mesmo em contextos desafiadores. Em resumo, esse estudo demonstra como objetos como os peluches desempenham um papel fundamental na preservação de memórias, na expressão de emoções e na construção da identidade de um indivíduo, ressaltando sua complexidade na interação com o mundo material.

CONCLUSÕES

Ao analisar sumariamente as entrevistas aplicadas com oito participantes foi possível perceber as complexas relações emocionais e simbólicas que os indivíduos mantêm com os objetos que escolheram como significantes em suas vidas. As narrativas são capazes de expor a capacidade desses objetos de transcender a mera materialidade e adquirir significados simbólicos profundos que ecoam nas dimensões culturais e emocionais das

experiências vividas por casa entrevistado. As histórias partilhadas ilustram como os objetos desempenham uma multiplicidade de papéis e como pode ser interessante investigar essas relações no âmbito da antropologia com base em autores tradicionais e contemporâneos sobre o tema, para analisar a história dos indivíduos e das coisas.

Os objetos assumem papel importante no percurso de vida dos entrevistados, seja como âncoras emocionais em momentos de perda e vulnerabilidade ou como símbolos de continuidade familiar e artefatos materiais para a expressão da identidade pessoal.

As contribuições de Mauss, Geertz e Appadurai destacam a importância dos objetos como portadores de significados culturais e símbolos que enriquecem a experiência humana, uma vez que não são meramente funcionais, mas desempenham papéis significativos na construção da identidade, expressão de crenças religiosas e na preservação da memória cultural e emocional.

A posse de objetos religiosos também ressalta a importância dos mesmos como instrumentos de manifestação de fé e espiritualidade. Foi possível identificar que os objetos podem adquirir significados religiosos, representando a conexão entre as pessoas, a fé e o sagrado, muitas vezes desempenhando a função de amuletos protetores e podendo também influenciar a compreensão do mundo. Os objetos têm a capacidade de representar, mediar e afetar a relação entre as pessoas e o divino (Mauss 2001; Gell 2001).

Além disso, as entrevistas evidenciam que certos objetos assumem uma função reconfortante na vida dos entrevistados em situação de vulnerabilidade, seja enquanto símbolo de esperança ou como testemunhos tangíveis de relacionamentos e amizades, destacando a importância das conexões interpessoais na vida dos participantes. Turner (1987) observou como os rituais são poderosos para transformar comportamentos, especialmente em situações de vulnerabilidade. Em momentos de mudança de vida, as pessoas passam por diversos tipos de rituais que simbolizam essas transformações. Esse processo, que envolve uma revisão identitária, provoca a transformação da relação com os objetos. Ou seja, em períodos de transição e transformações, os objetos assumem papel de âncoras emocionais, fornecendo significado e estabilidade em momentos de mudança. Os objetos podem ser apoio dar sentido à sua própria existência e às mudanças em suas vidas (Turner 1967).

Para finalizar, destacamos que um dos importantes contributos desta pesquisa foi a oportunidade de partilhar histórias e conhecimentos com os entrevistados, proporcionando reflexões e discussões não apenas sobre os objetos e a presença destes no interior das sociedades, mas também sobre os percursos de vida de cada entrevistado e as estratégias de enfrentamento para lidar com as múltiplas vulnerabilidades associadas à exclusão social. O estudo possibilitou que a interação com os objetos fosse discutida e ressignificada pelos participantes, de forma consciente ou inconsciente, intencionalmente ou não, fica evidente que os indivíduos tendem a ver suas posses como uma extensão de si mesmos (Belk 1988). Nesse sentido, o valor dos objetos advém da sua capacidade de carregar, manter e transmitir um significado, que vai muito além do seu valor utilitário (McCracken 1986).

Referências

- Appadurai, A. (2008). Introdução: mercadorias e a política da valor. In Appadurai, A. (Org.) *A vida social das coisas*. EDUFF.
- Belk, R.W. (1988). Possessions and the Extended Self, *Journal of Consumer Research*, 15(2), 139-168.

- Bourdieu, P. (1979). *La distinction: critique sociale du jugement*. Les Editions de Minuit
- Duarte, A. (2002). Daniel Miller e a antropologia do consumo, *Etnográfica*, 6(2), 367-378.
- Duarte, A. (2010). A antropologia e o estudo do consumo: revisão crítica das suas relações e possibilidades, *Etnográfica*, 14(2), 363-393.
- Douglas, M. & Isherwood, B. (1978). *The World of Goods*. Allen Lane.
- Gell, A. (2001). *The Anthropology of Time: Cultural Constructions of Temporal Maps and Images*. Ed. Berg.
- Kopytoff, I. (2008). A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In Appadurai, A. (2008). *A vida social das coisas*. EDUFF.
- Marx, K. (1979) [1867]. *O Capital*. Edições 70.
- Mauss, M. (2001) [1923-1924]. *Ensaio sobre a Dádiva*. Edições 70.
- McCracken, G. (1986). Culture and consumption: A theoretical account of the structure and movement of the cultural meaning of consumer goods. In *Journal of Consumer Research*, pp. 71-84.
- Miller, D. (1987). *Material Culture and Mass Consumption*. Basil Blackwell.
- Novaes, S. C. (2009). Entre a harmonia e a tensão: as relações entre Antropologia e Imagem. In *Revista Antropológicas*, 13, 20(1-2), 9-26. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3804422.pdf>
- Pink, S. et al. (2014). Researching in atmospheres: video and the ‘feel’ of the mundane. In *Visual Communication*, 14(3), 351-369.
- Sahlins, M. (1974) [1972]. *Stone Age Economics*. Tavistock.
- Silvano, F. (1997). Vidas em trânsito. *Ethnologia*, 6-8, 163-174.
- Simmel, G. (1978). Culture and the quantitative increase in material culture. In Simmel, G. . *The Philosophy of Money* (pp. 446-450). Routledge and Kegan Paul.
- Turner, V. (1987). *The anthropology of performance*. PAJ Publications.